

# O destino etíope do Preste João

The Ethiopian destiny  
of Preste João

Museu Nacional de Arte Antiga

21 Outubro – 5 Dezembro 1999  
21st October – 5th December 1999

MC

MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS  
DE MUSEUS



MUSEU NACIONAL  
DE ARTE ANTIGA

## EXPOSIÇÃO EXHIBITION

### COMISSÁRIOS COMMISSIONERS

Manuel João Ramos  
Alexandra Curvelo

### DESIGN DESIGN

Andreia Ayres de Carvalho Galvão

### DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

TVM designers

### MONTAGEM INSTALLATION

Maria da Trindade Mexia Alves  
Equipa do Museu Nacional de Arte Antiga

### Passepartouts

Divisão de Documentação Fotográfica  
Alexandra Encarnação  
Sara Claro  
Marta Fonseca  
António Lopes  
António Sousa

### CONSERVAÇÃO CONSERVATION

Instituto de José de Figueiredo,  
Divisão de Documentos Gráficos,  
Agostinho Oliveira

## CATÁLOGO CATALOGUE

### COORDENAÇÃO EDITORIAL EDITORIAL COORDINATION

Maria Amélia Fernandes

### TRADUÇÃO TRANSLATION

Manuel João Ramos  
Alexandra Curvelo  
Diana Bailey

### FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

Divisão de Documentação Fotográfica

### Coordenação

Vitória Mesquita

### Fotógrafo

José Pessoa

### CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

• Academia das Ciências de Lisboa/IPM, fotógrafo Henrique Ruas, cat. 11, 18 e 19 • Biblioteca Nacional, fotógrafa Laura Guerreiro, cat. 2, 12, 13, 14, 23, 26, 28, 29 • Bibliothèque Nationale de France, Paris, cat. VIII, IX e XII • British Library, Londres, cat. I, III, V, VII, XVI • Bodleian Library, Oxford, cat. X e XI • Huntington Library, San Marino/Superstock, Madrid, cat. IV • Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo, fotógrafo José António Silva, cat. VI, XIII, XIV, XV e 15 • Museu Nacional de Arte Antiga, Câmara Municipal de Palmela, fotógrafos Colin Paulsen e António Nascimento, cat. 38 • Museu Nacional de Arte Antiga/IPM, fotógrafo Abreu Nunes, cat. 35 • Museu Nacional de Arte Antiga/IPM, fotógrafo Carlos Monteiro, cat. 31 • National Library of Russia, São Petersburgo, Moleiro Editor, Barcelona, cat. II • Palácio Nacional da Ajuda, fotógrafo Manuel Silveira Ramos-PH3, cortesia PNA-IPPAR, cat. 16 e 17 • Palácio Nacional de Mafra/IPM, fotógrafo Henrique Ruas, cat. 5, 6, 7, 8 e 9 • Robert Bachman, cat. 10 • Sociedade de Geografia de Lisboa/IPM, fotógrafo Henrique Ruas, cat. 4, 20, 21

### PHOTOGRAPH CREDITS

• Academia das Ciências de Lisboa/IPM, photographer Henrique Ruas, cat. 11, 18 e 19 • Biblioteca Nacional, photographer Laura Guerreiro, cat. 2, 12, 13, 14, 23, 26, 28, 29 • Bibliothèque Nationale de France, Paris, cat. VIII, IX e XII • British Library, London, cat. I, III, V, VII, XVI • Bodleian Library, Oxford, cat. X e XI • Huntington Library, San Marino/Superstock, Madrid, cat. IV • Instituto dos Arquivos Nacionais-Torre do Tombo, photographer José António Silva, cat. VI, XIII, XIV, XV e 15 • Museu Nacional de Arte Antiga/Câmara Municipal de Palmela, photographers Colin Paulsen e António Nascimento, cat. 38 • Museu Nacional de Arte Antiga/IPM, photographer Abreu Nunes, cat. 35 • Museu Nacional de Arte Antiga/IPM, photographer Carlos Monteiro, cat. 31 • National Library of Russia, St. Petersburg Moleiro Editor, Barcelona, cat. II • Palácio Nacional da Ajuda, photographer Manuel Silveira Ramos-PH3, PNA-IPPAR, cat. 16 e 17 • Palácio Nacional de Mafra/IPM, photographer Henrique Ruas, cat. 5, 6, 7, 8 e 9 • Robert Bachman, cat. 10 • Sociedade de Geografia de Lisboa/IPM, photographer Henrique Ruas, cat. 4, 20, 21

### DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

TVM designers

### IMPRESSÃO PRINTING

António Coelho Dias, S.A.

©IPM, 1999, 1000 exemplares

ISBN 972-776-030-9

Depósito legal 14308/99

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS

---

Academia das Ciências de Lisboa  
Biblioteca Nacional de Lisboa  
Câmara Municipal de Palmela  
Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo  
Museu Calouste Gulbenkian  
Palácio Nacional da Ajuda  
Palácio Nacional de Mafra  
Sociedade de Geografia de Lisboa

Dirundum (*agrupamento de música antiga*)  
Jacinto Ramos  
João Grosso  
José Gorjão Centeno Jorge  
Robert Bachman  
Sérgio Infante  
Wendy James

- 9      Apresentação  
        Presentation  
        Manuel João Ramos
- 13     O Preste João e o milenarismo  
        Prester John and millennialism  
        Simon Kuin
- 17     O Nilo Azul: do paraíso terrestre à Etiópia  
        The Blue Nile: from the earthly paradise to Ethiopia  
        Alexandra Curvelo e Manuel João Ramos
- 23     As visões europeias da Etiópia  
        The european visions of Ethiopia  
        Wendy James
- 28     Catálogo  
        Catalogue

## Apresentação

### Presentation

Manuel João Ramos<sup>1</sup>

■ A possible subtitle for the present exhibition could be "Visions of the Millennium". In fact, a discrete flow of millenarian ideas seem to have been the connecting bridge between the medieval imagination about Prester John of the Indies and the diplomatic contacts between Portugal and Ethiopia that led to a Jesuit mission in this country.

The now ruined castles and catholic churches that were built around the eastern shores of lake Tana (the source of the Blue Nile), are important testimonies of the resolution of the Ethiopian emperors in the sixteenth and seventeenth centuries to tackle the dramatic social transformations of the time. They are also evidence of the religious, political and technological influences exerted by a group of Portuguese military and priests over the Ethiopian imperial court. But they must moreover be read as architectural marks of a Jesuit ecumenical project whose millenarian nature is frequently understated. They pursued the conversion of "Prester John" to the catholic faith, tried to impose a catholic patriarchy in Ethiopia and devoted themselves to an intensive palace and church building plan. The Jesuit missionaries tried to subject the Ethiopian sovereigns to a sort of Counter-Reformation interpretation of the contents of the medieval *Letter of Prester John*.

In Portugal, the figure of "Prester John of the Indies" is recurrently associated with Ethiopia. But if the few portraits of him in

■ Esta exposição poderia ter recebido o subtítulo de "Visões do Milénio". Essa é a ponte que parece unir o imaginário medieval do Preste João das Índias e os contactos entre Portugal e a Etiópia que conduziram a uma missão jesuíta neste país. Os castelos e igrejas católicas hoje arruinados que se espalham pelas margens orientais do lago Tana, nascente do Nilo Azul, são testemunhos eloquentes de uma resposta dos imperadores etíopes a transformações sociais profundas nos séculos XVI e XVII, e das influências religiosa, política e tecnológica exercidas por um grupo de militares e religiosos portugueses sobre a corte imperial. Merecem, no entanto, também ser lidos como marcas silenciosas de um projecto ecuménico imbuído do espírito da Contra-Reforma, e cujo cariz milenarista é frequentemente subvalorizado: a conversão do "Preste João" ao catolicismo, a importância atribuída à criação de um patriarcado jesuíta na Etiópia, assim como o esforço construtivo que acompanhou a missão, são indícios de uma surpreendente tentativa de adequação, por parte dos missionários jesuítas, da figura do imperador etíope a certos conteúdos do texto medieval da *Carta do Preste João*.

O "Preste João das Índias" é, em Portugal, recorrentemente associado à Etiópia. Embora a exígua iconografia que o retrata (maioritariamente proveniente de gravuras e mapas) o coloque efectivamente na Etiópia, o imaginário inicial que o circunscreve é, em definitivo, oriental. Se a sua figura não desperta hoje mais do que uma

<sup>1</sup> Professor of Anthropology, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa

<sup>1</sup> Professor de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa

fantasmática evocação memorial, o seu nome e as imagens literárias que lhe estão associadas mantêm, ainda assim, um muito maior poder convocatório que a relativa pobreza da sua iconografia deixaria entrever. Segundo a *Carta do Preste João*, texto divulgado na Europa desde finais do século XII, este rei e sacerdote de poderes quase divinos governaria o imenso território das Índias orientais, nas proximidades do Paraíso terrestre. Forte evocação da simbólica apocalíptica, a caracterização do Preste João como soberano cristomimético que se oferece como aliado dos reis cristãos ocidentais contra o Islão, e do seu reino como lugar de suprema perfeição sociológica, fornecem à *Carta* um sentido inegavelmente milenarista.

A posterior identificação do soberano cristão da Etiópia com o Preste João das Índias foi facilitada pela natureza ambígua da caracterização dessa sociedade africana nas cosmografias europeias. Descrita como a Terceira Índia, era olhada como uma sociedade onde os contornos orientais e utopizantes se confundiam com elementos identificadores dos espaços africanos: como uma legenda do *Mapa-mundo de Modena*, relativa à Etiópia indicava no século XIV, o Preste João era "senhor dos indianos que são negros por natureza". A importância das temáticas associadas ao Preste João, como catalizadores ideológicos da expansão peninsular é particularmente bem ilustrada numa conhecida passagem da *Crónica da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara: uma das razões da exploração das costas e rios de África era a busca de "príncipes cristãos" como potenciais aliados contra a presença do Islão nesse continente.

É, assim, matéria para alguma reflexão a praticamente total ausência de estudos portugueses dedicados tanto ao que se poderíamos designar como o ciclo medieval do Preste João como ao contexto histórico e socioló-

maps and engravings effectively locate him in that African region, the initial literary descriptions strongly stress his mystical and oriental nature. Also, even if, at present, he is but a shadowy memory of a remote past, the literary resonance of his name still conjure a much greater symbolism than the relative poverty of the iconography concerning him would suggest.

According to the medieval *Letter*, Prester John was an eastern priestly king with quasi-divine powers who ruled the endless territory of the Oriental Indies, in the vicinity of the Earthly Paradise. True to the apocalyptic symbolism that characterises the *Letter*, Prester John is depicted as a christmimetic sovereign who offers a crusading alliance to the western Christian kings to free the Holy Land from Islam. This, as well as the description of his kingdom as a place of sociological purity, gives the legend a rich millenarian scope.

The later identification of the Ethiopian Christian emperor with Prester John was made possible thanks to the ambiguity with which European cosmographies categorised that African society. Ethiopia was conceived as a country where oriental and utopian characteristics were blended with descriptive elements that stressed a less positive African identity. In the space representing Ethiopia, the fourteenth Century *World Map of Modena* states that "Prester John is the ruler of the Indians who are black by nature". According to the fifteenth Century *Chronicle of Guinea*, by Gomes Eanes de Zurara, one of the main goal of the explorations of the coasts and rivers of Africa was the search of "Christian princes" who could become allies of the Portuguese kings against the Islamic presence in North Africa. This passage is a good indicator of how important was Prester John's legend as an ideological catalyst of the Iberian discoveries.

In Portugal, the almost total absence, of research dedicated to what could be called the medieval cycle of Prester John, and to ethiopian historical and sociological studies is a matter for some astonishment and regret. With the exception of the orientalist Francisco Esteves Pereira (of the late nineteenth century), there hasn't been any systematic interest in the area of ethiopian studies, by Portuguese scholars. Not, at least, since the seventeenth century, when the abundant historical, geographical and anthropological production about Ethiopia by Jesuit writers had an intense impact on the Western world.

The present exhibition conveniently opens in the eve of the year 2000 (of the Gregorian calendar). It discreetly invokes the permanence and the transformations of millenarian ideas in western Christianity over more than eight centuries, by questioning the tropes of Prester John and Ethiopia. It also reminds the visitor of the important millenarian symbolism that formed the ideological background of the Discoveries (presently being nationally commemorated).

This exhibition was conceived as a retrospective tour. It offers a walk back in time in search of clues to understand the Jesuit mission and, more generally, the presence of an Indo-Portuguese community in Ethiopia in the sixteenth and seventeenth centuries. Such clues are the Western medieval ideas about the Orient and about Christian priestly kingship, at a time when the Crusades were seen as an antecedent of the coming of the "Thousand years of happiness". The first room exhibits examples of European images produced in the wake of the contacts between Portugal and Ethiopia. In them, the Ethiopian emperor is visibly associated, or sometimes purposefully contrasted, with the mythical figure of Prester John, and Ethiopia and the Nile are represented as essential features of Western

gico etíope. Aparte o excepcional caso do orientalista Francisco Esteves Pereira, na passagem do século, não é possível afirmar que tenha havido em Portugal um esforço de investigação sistemático na área dos estudos etíopes - pelo menos desde o século XVII, altura em que a abundante produção histórica, geográfica e antropológica dos missionários jesuítas teve um intenso impacto no conhecimento da Etiópia no mundo ocidental.

Inaugurando na véspera do ano 2000 (do calendário gregoriano), a presente exposição procura discretamente evocar, através dos tropos do Preste João e da Etiópia, a permanência e a transformação de ideias milenaristas no Ocidente ao longo de mais de oito séculos. Complementarmente, relembra a importância do contexto simbólico milenarista como catalizador ideológico dos descobrimentos peninsulares, actualmente em processo de revisão comemorativa.

A exposição foi concebida como um percurso retrospectivo. Identifica, recuando no tempo, algumas pistas que associam a missão jesuíta e, mais geralmente, a presença de uma pequena comunidade luso-indiana na Etiópia dos séculos XVI e XVII, a um conjunto de ideias medievais europeias sobre o Oriente, a soberania sacerdotal e as cruzadas como antecacto da instauração dos "mil anos de felicidade". No primeiro núcleo, são expostas imagens produzidas no Ocidente na sequência dos contactos entre Portugal e a Etiópia. Ai, a figura do imperador etíope surge assimilado à, ou por vezes propositadamente contrastado com, a figura mítica do Preste João das Índias. São fornecidos exemplos da permanência e da força das imagens da Etiópia como pólo agregador de uma lógica cartográfica e cosmográfica de África, nos mapas e mentes ocidentais até ao século XIX. Complementarmente, são apresentadas reproduções fotográficas de alguns vestígios materiais da interpenetração cultural

motivada pela presença luso-indiana naquele país. O segundo núcleo evoca o imaginário europeu tardo-medieval e renascentista sobre o Oriente através de algumas peças expostas e de reproduções (provenientes da literatura de viagens, de cosmografias, de bestiários, etc.). Este imaginário condicionou a categorização ambígua da Etiópia como país "oriental", entre a África e a Ásia. O terceiro núcleo é dedicado à *Carta do Preste João* do século XII, aí se expondo o manuscrito de um códice do século XIII originário do Mosteiro de Alcobaça. Imagens literárias da *Carta* e de algumas das suas fontes (nomeadamente do *Apocalipse*) que evocam o milénio no imaginário cristão são associadas a peças provenientes do espólio do Museu Nacional de Arte Antiga, procurando reavivar a sua riqueza simbólica original. Este último núcleo (de chegada) confronta o visitante com a fonte milenarista do percurso histórico que levou, há quinhentos anos, aos contactos entre Portugal e a Etiópia. Desta forma, a presente exposição oferece-se como pequeno contributo para uma eventual restauração dos há muito desaparecidos laços históricos e culturais entre os dois países.

visions of East Africa. The cultural interaction motivated by the Indo-Portuguese presence in Ethiopia is here also briefly remembered. The second room shows a few pieces and some photographic reproductions of illuminations and engravings that recall the late medieval and early renaissance imagery about Africa and the Orient. The third room is dedicated to the medieval *Letter of Prester John*. Here, the exhibition of a thirteenth century Codex originally from the Monastery of Alcobaça is complemented with transcripts of the *Letter* and of some of its sources (namely, the *Apocalypse*) that evoke the millennium in western Christianity. Such literary images try to enliven some selected pictorial, liturgical and royal items, whose rich symbolic meanings faded when they became museum pieces.

In this last room, the visitor is confronted with the millenarian source of the historical path that led to the first direct contacts between Portugal and Ethiopia, some 500 years ago. By recalling those long lost historical and cultural ties, this exhibition offers a modest contribution to their eventual future resumption.

## O Nilo Azul: do paraíso terrestre à Etiópia

The Blue Nile as from the earthly paradise to Ethiopia

Alexandra Curvelo<sup>1</sup> e Manuel João Ramos

■ Prester John is a fleeting figure in medieval travel literature. The capital of his kingdom was said to be located in Vijayanagar, in Gujarat or in Ethiopia, but also in Tibet, in Cathay, in Mongolia or in Armenia. On the contrary, late medieval and early renaissance maps from Italy, Catalonia and Portugal very regularly refer his presence as the Christian ruler of Ethiopia. In illustrated maps and portulans, Prester John is depicted in the oriental shores of the river Nile, sitting on a throne or in a tent. Frequently, instead of his figure, a palace is represented to the East of a lake in the Nile or standing on an island of that lake.

From classical and medieval times, the persistent search for the sources of the Nile was always intimately related to the inquiries into the nature of its paradoxical floods – occurring in the summer and not in winter, contrary to other Mediterranean rivers. Herodotus, in his *History* (Book II), questioned the credibility of different explanations for the mysterious floods. One, in particular, seemed to him most unpalatable: in the summer, the waters of the Ocean would be pushed through subterranean tunnels to emerge from deep abysses at the top of a high mountain. Curiously enough, this was the theory that, for more than one millennium, was preferred by most Western cosmographers.

From late Antiquity, the Nile was seen as the hydrographic axis of the African

■ O Preste João é, na literatura medieval, um personagem fugidivo. A capital do seu reino é localizada em Vijayanagar, no Gujarat, na Etiópia, mas também no Tibete, no Cataio, na Mongólia, ou na Arménia. Pelo contrário, a sua presença na cartografia tardo-medieval e renascentista italiana, catalã e depois portuguesa, referencia-o com grande constância como soberano cristão da Etiópia. Na iconografia dos mapas e portulanos, o Preste João é representado nas proximidades orientais da nascente do rio Nilo, sentado num trono ou diante de uma tenda. Frequentemente, a figura humana é substituída por um palácio junto a um lago do Nilo ou numa ilha desse lago.

As investigações clássicas e medievais sobre a natureza peculiar do rio Nilo, nomeadamente das suas cheias paradoxais – no Verão e não no Inverno –, estão intimamente relacionadas com a persistência do tema da busca das suas remotas nascentes. Heródoto, discorrendo sobre as várias explicações possíveis para o incongruente fenómeno das cheias do Nilo, destacava uma como a mais inverosímil de todas: aquela que localizava as nascentes em abismos profundos alimentados pelas águas do Oceano, através de canais subterrâneos (*História*, Livro II). Curiosamente, esta foi a teoria que, durante um milénio, foi retida pela cosmografia ocidental.

Na antiguidade tardia, foi dada preferência a uma origem ocidental do rio que era já tomado como o eixo estruturante da hidrografia do continente. Pomponius Mella, que no *De Situ Orbis* estabelecia uma distinção clara entre

<sup>1</sup> Historian, Museu Nacional de Arte Antiga

<sup>2</sup> Historiadora de Arte, Museu Nacional de Arte Antiga

had not one but two sources, one located in East Africa and the other to the West. In these medieval maps, where subterranean tunnels, lakes and confluences began to multiply in the African continent, the Horn of Africa, which included the sources of the Nile, frequently extended east beyond the Indian subcontinent itself.

During the sixteenth and seventeenth centuries, the Ethiopian destiny of Prester John was to be re-evaluated in close relation with such cosmographic conceptions. The new information about Ethiopia helped to further exaggerate the dimensions of that country in relation to the rest of the continent, while the Nile was still seen as the river that divided Eastern and Western Africa. In their explorations of West African rivers, the Portuguese voyagers recurrently saw the sovereigns of the different kingdoms they encountered as vassals of the (Ethiopian) Prester John.

The existence of an oriental and mountainous territory geographically distinct from the rest of the African continent facilitated the encoding of an Ethiopian kingdom ruled by a Christian, powerful and utopian Prester John. The association of the capital of the kingdom with the sources of the Nile, and the exaggerated dimensions of an imperial-like Ethiopia, was a cartographic cliché that was not abandoned even during the eighteenth century.

The information contained in the so-called *Ethiopian Itineraries*, well known to Italian cartographers, conditioned the image of Africa as a socialised (because it was "toponomized") space, in the *Modern Tables* - the maps and charts included in the fifteenth century versions of Ptolemy's *Geography*. In those *Tables*, as in Fra Mauro's *World Map*, the new (non-European) toponyms that follow the continent-wide

orientais) - estendiam-se, a sul, para Oriente, situando-se por vezes mais perto do Paraíso terrestre do que a própria Índia.

Estas concepções iriam ser, durante os séculos XVI e XVII, reavaliadas em estreita relação com o problema da identificação entre o imperador etíope e o rei imaginário das Índias, o Preste João. Fruto desta identificação, foram sobrevalorizadas as dimensões do território etíope e do rio Nilo em relação ao resto do continente africano, numa visão que fazia do Nilo o rio que dividia a África oriental e a África ocidental (ou, segundo a terminologia mais comumente usada nesse período, a Etiópia a Alta da Etiópia Inferior). Os viajantes portugueses, nas explorações fluviais que realizavam no Níger, Senegal e Congo, identificaram recorrentemente como vassalos do Preste João os soberanos africanos que contactavam.

A construção da hipótese da existência de um reino etíope do Preste João, cristão, militarmente poderoso e sociologicamente perfeito, é suportada pela codificação geográfica de um território oriental e montanhoso distinto do resto do continente. A assimilação do reino às nascentes do Nilo, bem como a dimensão excessiva do território etíope, mantêm-se, como cliché cartográfico, pelo menos até ao século XVIII.

As informações contidas nos chamados *Itinerários etíopes*, conhecidos dos cosmógrafos italianos, condicionaram a imagem da África como espaço socializado (porque "toponomizado") nas *Tábuas Modernas*, os mapas anexos às versões quatrocentistas da *Geografia* de Ptolomeu. Aí, toda a nova toponímia (não-europeia) do continente é a do interior etíope descrito nos *Itinerários*. Nestes mapas, como no *Mapa-mundo* de Fra Mauro, o espaço africano é claramente estruturado em volta do Nilo.

A publicação de *A Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, do Padre Francisco Álvares, em 1540

duas Áfricas – uma oriental e outra ocidental –, localizava a nascente do Nilo nos antípodas do orbe conhecido. Plínio sugeria que as nascentes do Nilo se encontravam a sul do monte Atlas, na África ocidental. Após correr para leste, as águas do Nilo desapareceriam nas areias desérticas e ressurgiriam na África oriental onde se encaminhavam depois para norte até ao Egipto.

Os cosmógrafos cristãos antigos, desde Paulo Orósio e Cosmas Indicopleustes, propuseram-se articular as teses clássicas sobre a hidrografia africana com a ideia de que o Nilo, que identificavam com o mítico Ghion, era um dos quatro rios provenientes do Paraíso terrestre no *Génese*. A sua preferência por uma localização oriental das nascentes do rio que, na sua perspectiva, separaria a Ásia do continente africano, baseava-se numa visão cartográfica da ecúmena em que o Oriente, e não o Norte, se encontraria no topo e o Ocidente, e não o Sul, na base. O Oriente corresponderia assim, por um sistema de analogias cosmológicas, ao Alto, surgindo o Paraíso terrestre representado no extremo oriental da Ásia, como uma montanha próxima da esfera celeste. Pierre D'Ailly, que, no *Imago Mundi*, procurava, como a generalidade dos cosmógrafos medievais, fazer convergir os dados da geografia clássica e a cosmologia bíblica, sublinha o “facto de na realidade o Paraíso terrestre estar no Oriente” para notar que “é, portanto, mais verosímil que o Nilo tenha a sua origem a Oriente e não a Ocidente”.

Frequentemente, porém, a lógica cosmológica era compatibilizada com informações de viajantes que mencionavam uma rede hidrográfica menos esquemática na qual o Nilo tinha uma dupla origem, oriental e ocidental. Canais subterrâneos, lagos, confluências começam então a surgir nos mapas de África. Nesta cartografia, também, a Etiópia oriental e o corno de África – onde se localizariam as nascentes do Nilo (ou pelo menos as suas nascentes

continent, its sources supposedly being located to the Southwest. Pomponius Mella, who in his *De Situ Orbis* mentions those sources in the antipodes of the known Orbe, establishes a clear distinction between the eastern and the western parts of Africa. Pliny notes that the sources of the Nile were to be found south of the Atlas, in West Africa, and that, after running to the East, the river's waters would disappear under the desert sands to reappear later in East Africa where they would then flow north to reach Egypt.

Since Orosius and Cosmas Indicopleutes, the ancient Christian cosmographers tried to correlate the Classical thesis about the particularities of African hydrography with the idea that the Nile, which they considered to be the biblical Ghion, was one of the four rivers that had their source in Eden. For this reason, Christian cosmographers tended to favour an eastern origin of the Nile – the river that, in their opinion separated Asia from Africa, much like the Danube divided Europe and Asia. This vision was based on a cartographic construction of the Ecumene in which the East, and not the North, was at the top of the map, and the West, and not the South, was at its base. The Far East, and particularly the Earthly Paradise – represented as a high mountain – was considered to be nearer the celestial spheres than any other parts of the Earth. In his *Image of the World*, the medieval cosmographer Pierre D'Ailly underlines “the fact that in reality the Earthly Paradise is at the East”, and stresses that “there is a greater probability of the Nile originating in the East than in the West”.

Nevertheless, this cosmological construction was frequently reconciled with travellers' notices about a less schematic hydrographic network in which the Nile

(rapidamente traduzida em diversas línguas europeias), ajudou a sublinhar esta tendência, tendo tido eco imediato em mapas como os de Gastaldi ou de Lívio Sanuto. Estas obras, ao mesmo tempo que renovavam a importância da geografia etíope em relação ao resto do continente, apresentavam uma imagem mais incoerente da rede fluvial do que as *Tábuas Modernas*. Evidenciavam contudo uma representação mais ordenada das divisões político-territoriais do continente, baseada na topografia administrativa fornecida por Francisco Álvares. As nascentes do Nilo e das Montanhas da Lua eram localizadas no centro do continente, e o espaço etíope era pontuado com a representação de cidades importantes e de majestosos palácios e igrejas. As nascentes do Nilo, o Reino do Preste João e um metafórico Paraíso terrestre continuavam, assim, a associar-se na cartografia e na cosmografia do século XVI.

A presença prolongada de viajantes europeus na Etiópia fornecia entretanto novos dados ao público europeu sobre aquele país. A ligação entre o Preste João e a Etiópia começou a ser questionada e problematizada, com base na constatação da desadequação entre a realidade etíope e o conteúdo utópico da Carta.

Mesmo assim, a tese fantástica da ligação subterrânea entre o rio Nilo e o Oceano continuava a ser regularmente subscrita. Na sua *Historia (...) dos Grandes e Remotos Reinos da Etiópia* (1610), o dominicano espanhol Luis Urreta informa que o lago Tana, nos planaltos etíopes, era alimentado pelas águas do Índico. O jesuíta Pero Pais (o primeiro europeu a descrever as nascentes do Nilo Azul), escreve um extenso texto de refutação da visão de Urreta. No capítulo XXVI da sua *História da Etiópia*, Pais descreve a sua visita às nascentes do Nilo Azul e explica a razão das suas inundações. Procurando esclarecer um enigma de milénios, Pais explica que provou a água confirmando que esta não era salgada. Fez também "(...) meter uma lança

course of the river Nile are the same as the Ethiopian towns mentioned in the *Itineraries*.

The publication, in 1540, of the widely translated *True Information of the Lands of Prester John of the Indies*, by Francisco Álvares increased this tendency, as can be observed in late sixteenth century maps. Such maps, that also showed an oversized Ethiopia, presented a rather less coherent image of the Nile than the *Modern Tables*, but a much more detailed (even if more fantastical) representation of African political divisions, based on the topography brought from Ethiopia by Francisco Álvares. The sources of the Nile and the Mountains of the Moon occupied the centre of the continent, and the Ethiopian territory was covered with important cities and sumptuous palaces and churches. The sources of the Nile, the kingdom of Prester John and a metaphorical Earthly Paradise were still being closely associated in sixteenth century cartography and cosmography.

As detailed first hand information about Ethiopia started being published in Europe, the inadequacy between the reported Ethiopian reality and the medieval utopia of Prester John became manifest.

Even so, the fantastic ideas about a subterranean connection between the ocean and the Ethiopian plateaux had not been abandoned. In his *History (...) of the Great and Remote Kingdoms of Ethiopia* (1610), the Dominican Luis Urreta informed his readers that the waters of lake Tana, in Ethiopia, were supplied by the Indian Ocean. The Jesuit missionary Pero Pais, the first European to visit and describe the sources of the Blue Nile (the Abbay), refuted this thesis. In the chapter XXVI of the *History of Ethiopia*, Pais narrated his visit to the sources of the river and explained

the cause of the floods (the monsoon rains). Trying to clarify a thousand-year-old enigma, Pais tasted the water to confirm that it was not salty. He also "...lowered a lance into one of the sources; after eleven spans [the lance] seemed to touch the roots of trees laying on the border of the cliff". Pais could finally prove that the sources of the Nile were not deep abysses, fed by the Indian Ocean.

For Pero Pais and for many other Jesuit priests, the refutation of the idea of an "Ethiopian Prester John" concurred with their dismissal of the old ideas about the peculiar nature of the river Nile. In their explorations, their measurements and their inquiries, the Jesuit missionaries were the first to accurately represent Ethiopia in land maps. In one such map, annexed to the manuscript of Manuel Almeida's *History of High Ethiopia* and published by Baltazar Teles in 1660, the region's dimensions and proportions, and the emplacement of the Blue Nile's sources and course, are quite equivalent to their modern cartographic representation.

The Jesuit missionaries were the first European authors to reject the exaggerated dimensions traditionally ascribed to Ethiopia (frequently, a quarter of the total area of the African continent), and to demonstrate the accessibility of the Nile's sources. European cartographers of the seventeenth and eighteenth centuries disregarded their geographical findings and, instead, they propounded the old idea of an African central lake that supplied a unified network of rivers and streams. Meanwhile, the failure of the Jesuit mission in Ethiopia meant the end of the Ethiopian destiny of Prester John. Still, this destiny was not totally forgotten but survived as a pale historical cliché, upon which the present exhibition plays.

em um dos olhos, que está ao pé de uma ribanceirinha onde começa aparecer esta fonte; e entrou onze palmos e parece que topava em baixo em as raizes de árvores, que estão na borda da ribanceirinha". Provava-se finalmente que o Nilo não nascia de abismos profundos, nem as suas águas provinham do Oceano Índico.

É sintomático que, para Pero Paes e para vários outros Jesuítas, o processo de negação da existência de um "Preste João etíope" tenha sido simultâneo e interdependente do desarticular de um conhecimento admitido da natureza particular do Nilo. Os missionários jesuítas, com as suas explorações, as suas medições com a ajuda do astrolábio e as suas inquirições, foram os primeiros a propôr transformações importantes na representação cartográfica da Etiópia. No mapa anexo ao manuscrito da *História da Etiópia a Alta*, de Manuel Almeida, publicado pelo Padre Baltazar Telles (1660), a Etiópia é desenhada com dimensões próximas das que lhe atribui a cartografia moderna, representando-se com bastante precisão as nascentes do Nilo Azul (ou Abbay).

Os missionários da Companhia de Jesus foram os primeiros escritores europeus a pôr em causa a extensão exagerada que era atribuída ao reino etíope (cobrindo pelo menos um quarto do total do continente africano) e a afirmar a acessibilidade das nascentes do Nilo. Desvalorizando as suas descobertas, a cartografia europeia continuou, no entanto, a atribuir ao rio Nilo funções estruturadoras de uma imaginária rede hidrográfica unificada do continente africano, até pelo menos a meados do século XVIII. O falhanço da missão jesuítas na Etiópia tinha entretanto marcado o fim do processo de identificação do Preste João com a Etiópia. O seu destino etíope parece ainda assim não ter sido totalmente esquecido, continuando a sobreviver como pálido cliché memorial, sobre o qual esta exposição em parte se joga.